

**FINANÇAS**  
**DA**  
**IGREJA**  
**CATÓLICA**

## **FINALIDADE DESTA OBRA**

Este livro como os demais por mim publicados tem o intuito de levar os homens a se tornarem melhores, a amar a Deus acima de tudo e ao próximo com a si mesmo. Minhas obras não têm a finalidade de entretenimento, mas de provocar a reflexão sobre a nossa existência. Em Deus há resposta para tudo, mas a caminhada para o conhecimento é gradual e não alcançaremos respostas para tudo, porque nossa mente não tem espaço livre suficiente para suportar. Mas neste livro você encontrará algumas respostas para alguns dos dilemas de nossa existência.

AUTOR: Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembléias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo SENAC de Santos,

reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

CONTATO:

Whatsapp Central de Ensinos Bíblicos com áudios, palestras e textos do Escriba de Cristo

Grupo de estudo no whatsapp

55 13 996220766 com o Escriba de Cristo

E-MAIL: [teologovaldemir@hotmail.com](mailto:teologovaldemir@hotmail.com)

FINANÇAS DA IGREJA CATÓLICA

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

**M543** *Escreva de Cristo, Central de Ensinos Bíblicos*  
1969 –

*Finanças da Igreja Católica*

*Itariri/SP, Livrorama, Amazon.com*  
*Bibliomundi,, 2021, 150 p. ; 21 cm*

**ISBN: 9798514188543** Edição 1º

1. Igreja Católica 2. Vatileaks 3. Corrupção  
4. História da Igreja 5. Avareza 6. Catolicismo

CDD 270

CDU 27

## **INTRODUÇÃO**

A igreja é um organismo

A Igreja tem a missão de levar a Palavra de Deus, de graça recebemos e de graça devemos repassar as pessoas de todo o mundo. A igreja é um organismo e não uma organização comercial, mas a tentação de movimentar fortunas e dá um fim diverso daquele que Deus determinou é muito grande, e caindo nesta tentação, todos os seguimentos do cristianismo e de todas as religiões sempre acabam promovendo escândalos financeiros.

A igreja enriquecendo seus líderes

É deplorável ver a igreja estipulando metas financeiras, e não estou escrevendo aqui pensando na Igreja católica Romana somente, mas nas igrejas evangélicas, especialmente as pentecostais. Jesus mandou que seus seguidores se desfizessem das riquezas e vivessem sem acumular riquezas, Mas os cleros viram nas palavras de Jesus uma oportunidade de fazer com que os fieis contribuíssem para os cofres da igreja e que a igreja se encarregaria de repassar aos pobres... Grave engano... Os primeiros que a igreja encontram para repassar as fortunas coletadas dos fieis são os seus próprios líderes. Quanto mas alto o cargo eclesiástico, tanto mais absurdo vemos. Bispos, arcebispos e cardeais vivendo no luxo quando deveriam apenas evangelizar e o dinheiro da igreja deveria em boa parte ser repartido com os necessitados. Mas raramente a

igreja conseguiu em sua história resistir a tentação de abocanhar a grana dos fieis.

### A igreja gerando lucros

A Igreja Católica desde a Idade Antiga sabia faturar, na Idade Média vendia cargos e até perdão dos pecados. Na Idade moderna, com o advento do capitalismo profissional, a Igreja Católica também se modernizou e criou empresas e instituições paralelas para faturarem com o mercado da fé. O filhote da Igreja Católica que melhor herdou esta herança genética foi a Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir Macedo do Brasil. A Igreja Universal tem um conglomerado de empresas para ainda mais dá sustentação financeira a sua organização. A igreja deixou sua missão salvadora de lado para cuidar dos negócios terrenos.

### Contabilidade da Igreja católica

Este livro me parece o desenrolar de um livro contábil que faz um inventário das organizações ligadas a Igreja Católica e suas receitas. Mostrando o quanto a Igreja tem se ocupado em ganhar dinheiro em vez de ganhar almas.

## SUMÁRIO

### PRÓLOGO

1. O TESOURO DO PAPA
2. IOR, MENTIRAS E CONTAS SECRETAS
3. NEGÓCIOS SAGRADOS
4. OS MERCADORES DO TEMPLO
5. SUA SANIDADE
6. EM NOME DO DINHEIRO

## Prólogo

Judas Iscariotes, um dos discípulos, aquele que entregaria Jesus, falou assim: “Por que este perfume não foi vendido por trezentos denários para se dar aos pobres?” Falou assim, não porque se preocupasse com os pobres, mas, porque era ladrão: ele guardava a bolsa e roubava o que nela se depositava. JOÃO 12, 4-6 Os dois monsenhores começaram a falar logo depois que o garçom trouxe o carpaccio de atum e o purê de lagostins vermelhos. Até então, estavam calados. Olhando a carta de vinhos brancos, escolhendo o que melhor se harmonizaria com os petiscos, provando bocadinhos do pão de nozes, olhando em volta inquietos, à procura de algum conhecido para cumprimentar no jardim do restaurante, no bairro de Parioli. Dando uma garfada no primeiro lagostim, o sacerdote mais velho, aquele que eu nunca vira antes, foi direto ao ponto. “Você deveria escrever um livro. Deveria escrevê-lo também para o Francisco. Ele precisa saber. Precisa saber que a Fundação Bambin Gesù, criada para receber doações

para crianças doentes, pagou parte da reforma da nova casa do cardeal Tarcisio Bertone. Precisa saber que o Vaticano tem casas em Roma que valem 4 bilhões de euros. Isso mesmo. E dentro não há refugiados, como queria o papa, mas um monte de protegidos e de vips que pagam um aluguel ridículo. “Francisco precisa saber que as fundações designadas a Ratzinger e a Wojtyla receberam tanto dinheiro que ainda mantêm no banco mais de 15 milhões. Precisa saber que as doações que seus fiéis fazem todo ano por meio do Óbolo de São Pedro não são destinadas aos mais pobres, mas acumuladas em contas e aplicações que hoje somam quase 400 milhões de euros. Precisa saber que, quando pegam qualquer coisa do Óbolo, os monsenhores o fazem para as exigências da Cúria Romana. “Precisa saber que o IOR [Instituto para as Obras de Religião] tem quatro fundos beneficentes, avaros como Harpagão: embora essa instituição vaticana tenha ganhos de dezenas de milhões, o fundo para obras missionárias concedeu este ano míseros 17 mil euros. Para o mundo todo! Precisa saber que o IOR ainda não foi saneado e que dentro do torrione 1 escondem-se ainda clientes abusivos, gentalha processada na Itália por delitos graves. Precisa saber que o Vaticano nunca forneceu aos seus investigadores do Banca d’Italia a lista daqueles que fugiram com o botim para o exterior. Apesar de termos prometido isso. Precisa saber que, para fazer um santo, para tornar-se beato, é preciso pagar. Sim, desembolsar dinheiro. Os caçadores de milagres custam caro, são advogados, querem centenas de milhares de euros. Tenho provas. “Precisa saber que o homem que ele mesmo escolheu para normalizar nossas finanças, o



cardeal George Pell, terminou citado na Austrália em uma investigação do governo sobre pedofilia, que ele é definido por algumas testemunhas como 'sociopata' e que na Itália ninguém escreve nada a respeito disso. Precisa saber que Pell gastou com ele e seus amigos, entre pagamentos de despesas e roupas sob medida, meio milhão de euros em seis meses. "Francisco precisa saber que a empresa norte-americana de auditoria que um de nós convocou para controlar as contas do Vaticano pagou em setembro de 2015 uma multa de 15 milhões por ter maquiado os relatórios de um banco inglês que fazia transações ilegais no Irã. Precisa saber que a Santa Sé, para ganhar mais dinheiro, distribuiu cupons especiais por meia Roma: hoje vendemos combustível, cigarros e roupas tax free, e ganhamos com isso 60 milhões por ano. "Precisa saber que não é só Bertone que mora em trezentos metros quadrados, mas que há um monte de cardeais que moram em apartamentos de quatrocentos, quinhentos, seiscentos metros quadrados. Além de ático e terraço panorâmico. Precisa saber que o presidente da Apsa [Administração do Patrimônio da Sede Apostólica], Domenico Calcagno, mandou construir para si um bom refúgio em área verde, de propriedade da Santa Sé, por meio de uma empresa de fachada aberta em nome de parentes distantes. Precisa saber que o moralizador Carlo Maria Viganò, o herói que protagonizou o escândalo Vatileaks, está em litígio com o irmão sacerdote, que o acusa de ter-lhe fraudado milhões de uma herança. Precisa saber que Bertone pegou um helicóptero que custou 24 mil euros para ir de Roma a Basilicata. Precisa saber que a Bambin Gesù controla no IOR um patrimônio absurdo de 427 milhões de euros, e que o Vaticano

investiu também em ações da Exxon e da Dow Chemical, multinacionais que poluem e envenenam. Precisa saber que o hospital do Padre Pio é proprietário de 37 edifícios e outros imóveis, num valor estimado em 190 milhões de euros. Precisa saber que os salesianos investem em empresas de Luxemburgo, os franciscanos na Suíça, que dioceses no exterior compraram empresas donas de canais pornográficos de TV. Precisa saber que um bispo na Alemanha torrou 31 milhões para reformar sua residência, e que depois que isso foi descoberto ainda conseguiu promoção para um cargo em Roma. Francisco precisa saber um monte de coisas. Coisas que ele não sabe porque ninguém lhe conta.” O monsenhor pôs o garfo sobre a mesa e limpou a boca com o guardanapo. O padre, que eu conheço bem, serviu-lhe um pouco de vinho na taça, um Sacrisassi le due terre. O grisalho reverendo ergueu a taça, apertou os olhos para observar com atenção a cor amarelo-palha através do vidro, deu dois longos goles e sorriu. “Aqui fora está estacionado um carro cheio de documentos. Do IOR, da Apsa, dos departamentos, dos auditores das contas convocados pela comissão encarregada, a Cosea. Por isso pedi que viesse de carro. Não faria o senhor levar tudo de moto.” Ficou em pé de repente. “A propósito, estou sem dinheiro vivo. Desta vez o senhor paga o restaurante, não é?” 1 O tesouro do papa Não ajunteis tesouros aqui na terra, onde a traça e a ferrugem destroem e os ladrões assaltam e roubam. Ao contrário, ajuntai para vós tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem nem os ladrões assaltam e roubam. Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração. MATEUS 6, 19-21 Assim Jesus prevenia seus discípulos no alto do monte. E,

mesmo assim, em 2 mil anos a Santa Igreja Romana tem interpretado com frequência a parábola a seu modo, ou seja, ignorando-a completamente. Se o dinheiro é o esterco do diabo, no Vaticano parece valer o dito pecunia non olet: ao longo dos séculos, lingotes e moedas de ouro, cédulas de todos os valores, propriedades imobiliárias e títulos bancários foram acumulados em considerável quantidade por padres, bispos e cardeais, e hoje o patrimônio tem proporções bíblicas. Quem quer que tenha tentado calcular o total da riqueza da Igreja Católica fracassou de modo inexorável. Espalhada por todos os países do mundo com 1,2 bilhão de fiéis, a ela se reportam – segundo os números que o Anuário Pontifício publica todo ano, a partir de dados colhidos e elaborados pelo departamento de estatística da Santa Sé – milhares de arquidioceses e bispados. Em ordem alfabética, partindo de Aachen, na Alemanha, até Zomba, no Malawi, as “circunscrições eclesiais” difundidas pelo planeta somam 2.966, entre bispados, sedes metropolitanas, prefeituras, vicariatos e abadias, com quase 5 milhões de pessoas – entre freiras, religiosos, diáconos e sacerdotes – empenhadas em guiar o rebanho de Jesus. Cada “circunscrição” é proprietária de igrejas e imóveis, administra contas e finanças, e é completamente autônoma em relação ao Vaticano, que não exerce nenhum controle a não ser em casos extremos, isto é, diante de uma quebra financeira ou de despesas suspeitas das quais a Santa Sé venha a tomar conhecimento. Trata-se de um patrimônio gigantesco, ao qual se acrescenta aquele controlado pelas congregações católicas, pelas ordens religiosas e pelas associações leigas. A Opus Dei, os Legionários de Cristo e os

Cavaleiros de Colombo estão entre as mais conhecidas e ricas, mas da América à Oceania contam-se aos milhares, cada uma com seus bens e seu dinheiro, e também com seus balanços que – mais ainda que os das dioceses individuais – não têm nada a ver com o do Vaticano. Grande parte da riqueza possuída pelas várias entidades, enfim, é secreta e reservada: em muitos países, associações e congregações não são obrigadas a publicar relatórios anuais, ao passo que as leis vigentes sobre fundações, nos Estados Unidos e na Europa, permitem a privacidade mais absoluta, escondendo do público parte importante das propriedades eclesiásticas. Não só na Itália, mas em metade do mundo. No entanto, este livro que você tem agora em mãos, graças a um volume significativo de documentos inéditos provenientes das salas do Vaticano, de relatórios de auditores chamados por Francisco para jogar luz sobre suas contas e transações financeiras, de documentos e balanços dos diversos departamentos, pode esclarecer pela primeira vez todo o tesouro do papa, controlado diretamente pelo Vaticano. Uma montanha de bilhões entre contas, aplicações financeiras, metais preciosos e propriedades imobiliárias que ainda hoje – após as guerras de poder que eclodiram na época de Bento XVI – continuam a provocar por trás dos muros confrontos furibundos entre facções rivais. Exércitos internos e grupelhos de leigos bem inseridos, cardeais armados uns contra os outros, por trás de Francisco movem-se camarilhas e monsenhores que não parecem convertidos ao credo pauperista do novo pontífice e que ainda têm um objetivo prioritário: pôr as mãos em uma fatia do bolo. Folheando um dos relatórios internos da Cosea, a dissolvida

comissão encarregada da organização da estrutura econômica do Vaticano criada pessoalmente por Bergoglio para investigar as sagradas finanças, descobriu-se antes de mais nada que “as diversas instituições vaticanas administram os próprios ativos e aqueles de terceiros num valor declarado de 9 a 10 bilhões de euros, dos quais 8 a 9 bilhões estão em títulos, e um bilhão em imóveis”. Uma estimativa contábil bastante precisa no que se refere às riquezas em dinheiro e em ações, mas muito prudente no que diz respeito a valores reais de palacetes, imóveis comerciais, mansões, escolas, internatos e apartamentos de propriedade do Estado Pontifício: segundo a Cosea, em todos os balanços vaticanos os valores nominais são notavelmente subdimensionados, e tais bens valem muito mais do que o registrado em balanço pelas diversas entidades proprietárias. “4 bilhões de euros em imóveis” Um documento da referida comissão, escrito em inglês e em italiano e destinado a George Pell, chefe da nova Secretaria da Economia idealizada por Francisco, sintetiza pela primeira vez o valor real de todos os bens imobiliários de propriedade de instituições vaticanas. Diz ele: “Com base nas informações disponibilizadas pela Cosea, existem 26 instituições relacionadas com a Santa Sé que possuem bens imobiliários num valor contábil total de 1 bilhão de euros em 31 de dezembro de 2012. Uma avaliação de mercado indicativa demonstra uma estimativa do valor total dos bens quatro vezes maior em relação ao valor contábil, ou seja, 4 bilhões de euros”. Isso mesmo: 4 bilhões, redondos. No relatório são indicadas também as instituições papais “com as propriedades mais importantes em valores de mercado”. Isto é, a Apsa, a

Administração do Patrimônio da Sede Apostólica (com um patrimônio de 2,7 bilhões), a congregação Propaganda Fide (450 milhões de euros, embora no passado livros e jornais sempre tenham dado estimativas ainda mais altas), a Casa Alívio do Sofrimento (graças aos donativos, o hospital do Padre Pio tem um portfólio de 37 palacetes avaliado em 190 milhões) e o Fundo de Pensões dos Funcionários, que possui imóveis no valor de 160 milhões de euros. Relatório da Cosea, responsável pela análise das contas do Vaticano. Destaca as instituições com propriedades mais valiosas: a Apsa (Administração do Patrimônio da Sede Apostólica), com patrimônio de 2,7 bilhões de euros; o departamento de Propaganda Fide (Congregação para Evangelização dos Povos), com 450 milhões; a Casa Sollievo della Sofferenza (Alívio do Sofrimento), com 190 milhões; e o Fundo de Pensões dos Funcionários, com 160 milhões. O texto cita a duplicidade de atividades entre as instituições que gerem os bens e sugere a criação de um departamento para centralizar tal gestão. Isso não é tudo. Em outro relatório confidencial da Cosea, datado de 7 de janeiro de 2014 (trata-se de um esboço da proposta de criar um único administrador de ativos do Vaticano, capaz de gerir de modo unitário todo o patrimônio da Santa Sé hoje dividido entre dezenas de entidades), especifica-se que quase sempre “os imóveis são registrados ou ao custo de aquisição ou ao custo de doação, e muitos edifícios institucionais são avaliados a um euro. Portanto, é de se esperar que o valor de mercado do real estate Vaticano seja muito maior”. A nota destaca também que os auditores trabalharam a partir de relatórios fornecidos pelas diversas entidades, que poderiam também não ter registrado peças do seu

patrimônio no balanço. De qualquer modo, eventuais tesouros não arrolados não alterariam muito a cifra final. Quatro bilhões, portanto. Uma riqueza enorme, em grande parte concentrada em Roma. O dado da Cosea, que trabalhou durante meses sobre documentos disponibilizados pelas entidades, ajuda também a redimensionar a lenda anticlerical que quer a Igreja Católica proprietária de 20% de todo o patrimônio imobiliário italiano. Os relatórios vaticanos não contabilizam as propriedades das dezenas de ordens e congregações que têm palacetes e apartamentos espalhados pela Cidade Eterna, mas incluem o segundo maior proprietário imobiliário católico da capital, ou seja, a diocese de Roma, que tem um balanço separado do da Santa Sé. Graças a um documento de 2014 da empresa de consultoria KPMG, descobriu-se que a diocese capitolina possui ativos na cidade (imóveis e líquidos) no valor de 69 milhões de euros. Provavelmente já é, de saída, uma cifra errada, à qual devem ser acrescentadas muitas outras propriedades de órgãos e congregações. Mas é muito difícil que na capital o patrimônio da Igreja inteira possa chegar a valer um quinto de 534 bilhões de euros, cifra que representa o valor total das moradias de Roma calculada pelos técnicos da Agência da Receita e publicado no importante estudo intitulado *Gli immobili in Italia 2015*.

## **Caça ao tesouro**

Lendo o balanço nunca publicado pela Apsa, compreende-se que parte importante do tesouro imobiliário do Vaticano conflui justamente para o

organismo presidido pelo monsenhor Domenico Calcagno. Criada em 1967 por Paulo VI na mesma época da Prefeitura dos Negócios Econômicos, a Apsa tem sob custódia há meio século ativos mobiliários e imobiliários “destinados”, segundo esclarece a Pastor Bonus 2 com que foi constituída, “a fornecer os fundos necessários ao cumprimento das funções da Cúria Romana”. Na realidade, a história da entidade começa muito antes. Em 1878, Leão XIII decidiu formar um primeiro escritório para administrar os bens situados no Vaticano após a tomada de Roma em 1870, mas em 1926 o papa Pio XI dispôs por iniciativa própria a criação da Administração dos Bens da Santa Sé, antecessora da entidade como a conhecemos hoje. Em junho de 1929, ao novo departamento acrescentou-se outro, a Administração Especial da Santa Sé, constituída “com o escopo”, esclareceu o Vaticano, “de gerir os fundos vertidos pelo governo italiano [isto é, pelo regime fascista de Benito Mussolini] à Santa Sé, em cumprimento ao acordo financeiro anexado ao Tratado de Latrão de 11 de fevereiro de 1929”. Os dois departamentos foram fundidos quarenta anos depois dentro da Apsa. Esta foi então dividida em uma “seção ordinária”, que exerce as tarefas antes reservadas à Administração dos Bens da Santa Sé (gestão do pessoal vaticano, da contabilidade, dos departamentos), e em uma “seção extraordinária”, herdeira da velha Administração Especial. A caça ao tesouro deve partir daí, porque é onde são conservados os bens móveis e o patrimônio imobiliário subordinados à Igreja. As primeiras indicações do balanço do qual estamos de posse nos sugerem voar para Paris, pegar um táxi e pedir que nos levem à rue de Rome, junto à



centralíssima place Vendôme. No cívico número 4, uma empresa francesa controlada pela Apsa possui de fato alguns dos mais prestigiosos imóveis da cidade. Chama-se Sopridex SA, já teve inquilinos famosos (como o ex-presidente François Mitterrand, o ex-ministro Bernard Kouchner e sua mulher Christine Ockrent) e hoje exerce atividades registradas em balanço que chegam a 46,8 milhões de euros. O pessoal compreende, lê-se no balanço, “um diretor, três funcionários dedicados à limpeza”, e nada menos do que “dezesseis porteiros”. Deslocando-nos dos imóveis parisienses (o Vaticano tem centenas de unidades imobiliárias entre imóveis comerciais e apartamentos, ao longo dos Champs-Élysées, no centro histórico e no bairro de Montparnasse, onde morava de aluguel até mesmo a ex-ministra Christine Albanel) para aterrissar em Genebra, descobrimos que a “seção extraordinária” controla também dez empresas suíças (entre elas a Diversa SA, a Sociéte Immobilière Sur Collonges e a Sociéte Immobilière Florimont), que, com a líder do grupo Profima SA, administram propriedades e terrenos não só na Confederação Helvética, mas em metade da Europa. Todas juntas – lê-se no balanço – têm um faturamento anual de 18 milhões de euros, e cada uma delas conta com um conselho de administração composto por sete pessoas. Enquanto se sabe que a Profima SA foi aberta em Lausanne, em julho de 1926, e depois utilizada por Pio XI para levar ao exterior (ou investir, depende do ponto de vista) parte do dinheiro que a Igreja obtivera de Mussolini como ressarcimento pelas expropriações sofridas após a Unificação Italiana, a holding Diversa é praticamente desconhecida. Fundada em Lugano, em

agosto de 1942, enquanto metade do planeta, de Stalingrado a El Alamein, estava em guerra, hoje é presidida por Gilles Crettol. Trata-se de um poderoso advogado suíço que administra parte importante dos interesses vaticanos no norte dos Alpes: seu nome aparece, na realidade, em quase todas as outras empresas suíças ligadas ao Vaticano. Até algum tempo atrás, o contato italiano da Diversa era Paolo Mennini, ex-número um da “seção extraordinária” da Apsa e histórico cérebro da administração. Após o escândalo que devastou o monsenhor salernitano Nunzio Scarano – funcionário da Apsa que sofreu investigação por corrupção –, após os controles efetuados pela empresa de auditoria Promontory a mando da Cosea e depois de uma due diligence nas contas operadas pela McKinsey, os homens do papa Francisco decidiram virar a página e trocar todos os que compunham as entidades administrativas, substituindo-se, portanto, até mesmo Mennini: em seu lugar, no conselho de administração das empresas suíças, surgiu em 2013 Franco Dalla Sega, presidente da bazoliana 3 Mittel e gerente de confiança do novo chefe das finanças vaticanas, o cardeal George Pell. Retomemos a caçada, indo agora da Suíça para a Inglaterra. Neste país, a suíça Profima controla a British Grolux Investments Ltd, empresa inglesa fundada no longínquo 1933 para “diversificar” – explicou em 2005 o histórico John Pollard – os investimentos eclesiásticos durante a Grande Depressão. Para sermos precisos, foi o banqueiro Bernardino Nogara, nomeado em 1929 como número um da recém-criada Administração Especial, quem construiu o patrimônio imobiliário inglês. Peça importante da Banca Commerciale Italiana, já conselheiro

da Santa Sé pelas resoluções da convenção financeira dos Acordos de Latrão, Nogara administrou os ressarcimentos obtidos de Benito Mussolini. Uma avalanche de dinheiro: aos 750 milhões de liras líquidos (depositados inicialmente em contas da Banca Commerciale) deve-se acrescentar um bilhão de liras em títulos do Estado. O professor de história econômica Maurizio Pegrari, autor do verbete biográfico “Nogara” na enciclopédia Treccani, lembra que antes da sua chegada os investimentos financeiros “eram como norma confiados a banqueiros europeus – suíços, alemães, franceses, holandeses e ingleses –, que se apoiavam nas nunciaturas apostólicas presentes nesses países”. Um sistema confuso e em alguns casos até “diletante”, continua Pegrari, “em virtude da ausência de capacidades específicas de muitos núncios e do próprio secretário de Estado da época, Pietro Gasparri. A chegada de Nogara trouxe ordem e competência”. De fato, o banqueiro transformou a Administração Especial em uma espécie de merchant bank que operava em toda parte. Não só na Itália e na Europa, mas também nos Estados Unidos (onde a coleta do Óbolo de São Pedro era notável, apesar da Grande Depressão) e na Argentina. Nogara investiu rapidamente o dinheiro recebido dos fascistas em ações, obrigações e, obviamente, no mercado imobiliário, por meio da criação de empresas no exterior. Uma aposta que deu certo, e que ainda hoje dá frutos. De ouro. Se a holding parisiense tem “atividades” de 46,8 milhões, a londrina é proprietária de casas e palacetes no centro da cidade, incluindo lojas de luxo na New Bond Street e os imóveis que abrigam a joalheria Bulgari. Também a sede do banco Altium Capital, na esquina da Saint James’s

Square com Pall Mall, segundo uma pesquisa do Guardian, foi adquirida pela Grolux Investments por 15 milhões de libras esterlinas. A administração dos imóveis londrinos, aos quais se juntam casas e terrenos em Coventry, faz o Vaticano ganhar outros 38,8 milhões. Além disso, por meio do arquivo da Câmara de Comércio do Cantão de Lucerna, descobrimos que a holding inglesa aberta em 1933 é irmã gêmea de outra empresa, criada em 1931 por Nogara em nome do Vaticano, em Luxemburgo, e nomeada Le Groupement Financier Luxembourgeois, fechada em 1939. Não cuidava apenas de imóveis, mas também de fluxos financeiros e de investimentos que giravam pelo mundo. Já então, nos futuros paraísos fiscais vigoravam normas muito favoráveis do ponto de vista fiscal e administrativo, e a Igreja serviu-se disso “para operar”, observa ainda Pegrari, “com maior presteza”. Por fim, na Itália, além do dilapidado cofre da Propaganda Fide, a Apsa controla ainda as empresas Sirea e Leonina, que, segundo o balanço, têm rendimentos de cerca de 16 milhões. A Apsa, porém, é proprietária de milhares de apartamentos em Roma (em todo o Vaticano, capital, conta com cerca de 5 mil, mas este número está longe de ser o total dos que ela possui: em outro estudo da Prefeitura dos Negócios Econômicos fica evidente, entre os vários aspectos críticos da Apsa, a ausência de balanços que mostrem o patrimônio imobiliário em sua totalidade), que correspondem a cifras importantes. Em 2013, a Apsa indicou em balanço três entradas diferentes: as propriedades na Inglaterra, no valor de 25,6 milhões; e as da Suíça, no valor de 27,7 milhões; enquanto casas, imóveis comerciais, palacetes e apartamentos na Itália e